

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

1. INTRODUÇÃO

As Dificuldades de Aprendizagem (DA) atingem mais de metade dos alunos com idades entre os 5 e os 17 anos, levando-os, comumente, à desmotivação, à apatia e até, por vezes, à exclusão social. Trata-se de um problema actual da nossa população estudantil são também responsáveis pelo tão conhecido “insucesso escolar”.

A taxa de incidência das DA em Portugal é das mais elevadas da Europa, afectando, actualmente, cerca de um milhão de alunos dos ensinos básico e secundário.

Contrariamente ao que se pensa, as DA não significam que aqueles que delas sofrem sejam portadores de qualquer deficiência ou perturbação da inteligência e/ou da personalidade, ou ainda que apresentem qualquer anomalia sensorial (seja ela auditiva, visual ou corporal – cinestésica). Elas atingem os alunos com desenvolvimento cognitivo normal ou superior (incluindo os sobredotados) e devem-se a factores de variada ordem, nomeadamente: problemas de atenção, memória, motivação, psicolinguísticos, comportamentais e/ou emocionais.

Os alunos com DA apresentam, à partida, um potencial intelectual intacto. Os seus problemas resultam apenas do facto de os processos cerebrais de aquisição, registo e produção de conhecimentos serem prejudicados por uma disfunção psiconeurológica, a qual pode ser mais ou menos séria.

Geralmente, um caso de DA e insucesso escolar não tem origem num único tipo de problema. A sua aparição – e consequente agravamento – é quase sempre desencadeada por uma associação de factores, nem sempre identificáveis e correctamente interpretados, quer pelos pais, quer pelos professores. Não existem soluções globais. Cada aluno com dificuldades de aprendizagem apresenta-se como um caso único, carecendo de medidas de intervenção psicopedagógicas ao seu problema.

2. PRINCIPAIS PROBLEMAS CAUSADORES DE INSUCESSO ESCOLAR

• Os problemas de ordem pessoal

Os alunos com DA apresentam, no plano educacional, condutas que devem ser consideradas desviantes e atípicas em alguns aspectos, tornando difícil, senão impossível, a sua integração e envolvimento nas aulas.

Hoje em dia conhecem-se mais de 100 factores desencadeadores de dificuldades de DA, estando os mais frequentes relacionados com os seguintes problemas:

- atitudes desmotivadoras
- hiperactividade
- impulsividade
- problemas psicomotores
- problemas de orientação
- desordens de atenção
- problemas de audição e de fala
- dificuldades específicas de aprendizagem (dislexia, disgrafia, disortografia e dilcalculia)
- sinais neurológicos ligeiros e equívocos

Admite-se que:

- 9¹ a 41% dos alunos com DA apresentam problemas de motivação relacionados com desinteresse, negativismo, atitudes negligentes, hiperactividade, dispedagogia, inadaptação aos programas, etc;

- 3 a 8% manifestam problemas de processamento cognitivo da informação visual e auditiva e problemas de integração auditivo – visual e vice-versa;

- 0,5 a 2% apresentam pequeníssimos problemas funcionais do cérebro (estes alunos manifestam inteligência normal ou superior, têm um potencial de aprendizagem igualmente normal ou superior, embora possuam sinais difusos de ordem neurológica que podem incluir índices psicofisiológicos, ligeiras lesões no cérebro, variações genéticas, irregularidades bioquímicas, alergias ou doenças que interferem no desenvolvimento e na maturação do sistema nervoso central. Contudo, não são portadores de deficiência mental).

A SOCIEDADE É A PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELO INÊXITO ESCOLAR

As crianças, na sua grande maioria, são vítimas indefesas de políticas, estratégias, métodos e produtos de ensino que se encontram profundamente desajustados dos processos mentais de aprendizagem e do conhecimento que hoje se tem do funcionamento do cérebro.

¹ Dados apresentados pelo Instituto da Inteligência (Bircham International University).

O ensino actual é fruto de conceitos, ideias e estratégias que têm mais de um século de existência, quando se sabia ainda muito pouco sobre o cérebro humano. A sua evolução foi feita em nome de uma sociedade fabril crescentemente competitiva onde se instalou uma autêntica vertigem do sucesso. A escola tornou-se uma fábrica produtora de operários, técnicos e especialistas, visando satisfazer as necessidades do mercado.

Esta dimensão produtiva do ensino é obsoleta, vitimando alunos e professores, onde os primeiros se apresentam como matéria-prima maleável e os segundos como instrumentos de produção. A verdade é que, por ser uma aberração, a escola actual defronta-se com inúmeros problemas, sendo o insucesso escolar um dos mais evidentes e preocupantes.

Ora, o insucesso escolar pode ser identificado como um perigo social que tem de ser evitado a todo custo. As suas vítimas podem ser afectadas para toda a vida, não só porque o inêxito é susceptível de provocar perturbações psicológicas, como proporcionar delinquências e outros comportamentos sociopatológicos graves.

Torna-se, pois, urgente que a sociedade reflecta profundamente sobre o ensino e tenha a coragem de ir além de medidas pontuais e mediáticas que apenas têm servido para adiar a necessária e inevitável revolução.

3. DOIS CASOS ELUCIDATIVOS

Chama-se Maria (nome fictício) e tem 17 anos. Não estuda desde os 10 anos de idade por ser incapaz de falar em público, não articulando uma única palavra a partir do momento que sai de casa.

Maria sofre de fobia social, é tímida e tem vergonha de comunicar e de se expor. Alguns especialistas que, ao longo dos últimos anos, a tentaram tratar, não conseguiram, sequer, arrancar dela um simples “sim” ou “não”, ou mesmo o seu próprio nome.

Deixou a escola por não ter aproveitamento. Fechada em casa, não tem amigos nem sai com ninguém, a não ser com a família. Agora, começou a tratar da sua fobia e já manifestou o desejo de voltar a estudar. Como vai ser, se não tiver apoio adequado?

Mário (nome fictício) é insuportável na escola. Com 9 anos de idade é um aluno fraco, desinteressado, desatento e provocador. Perturba todas as aulas, desencadeia conflitos e é frequentemente violento. Em testes revelou uma inteligência superior, com potencialidades muito invulgares para a criatividade artística, em especial artes plásticas.

Abandonado pelos pais, vive com uma avó. A escola é, para ele, um aborrecimento porque é rotineira. Aprende facilmente mas detesta ter de estudar matérias que, aparentemente, não lhe dizem nada.

Adora, todavia, desenhar e pintar. Quer ser pintor, tal como foi o avô materno. Mas na escola não lhe permitem dar asas à imaginação e à liberdade dos sentidos. Tem de aprender as matérias pré-definidas pelo sistema, tal como os outros meninos. E não há grande margem de manobra. Como ajudar o Mário a ultrapassar o desafio?

4. DIAGNOSTICANDO AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM (DA)

• Definição

“Dificuldades de Aprendizagem é uma expressão genérica que refere um conjunto heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e no uso da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e da matemática. Tais desordens são intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso que pode ocorrer e manifestar-se durante toda a vida.

Problemas na auto-regulação do comportamento, na atenção, na percepção e na interacção social podem coexistir com as DA.

Apesar das DA ocorrerem com outras deficiências (ex.: deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbio sócio-emocional) ou com influências extrínsecas (ex.: diferenças culturais, insuficiente ou inadequada instrução pedagógica), elas não são o resultado de tais condições”.

Definição do Comité Nacional Americano de Dificuldades de Aprendizagem (National Joint Committee of Learning Disabilities, 1988)

“ As DA constituem um ou mais défices nos processos essenciais da aprendizagem que necessitam de técnicas especiais de educação (definição por défice).

As crianças com DA apresentam discrepância entre o nível da realização esperado e o atingido em linguagem falada, leitura, escrita e matemática (definição por discrepância).

As DA não são devidas a deficiências sensoriais, motoras, intelectuais, emocionais e/ou a falta de oportunidade de aprendizagem (definição por exclusão)”.

Review of Educational Research

5. DIFICULDADES E INCAPACIDADES: AS DIFERENÇAS

“Dificuldades de aprendizagem” (DA) e “incapacidades de aprendizagem” (IA) referem-se a realidades conceptuais diferentes:

- “As DA verificam-se em crianças normais, com um perfil motor adequado, uma inteligência média ou superior, adequadas visão e audição e uma adequada adaptação emocional, que, em conjunto com

uma dificuldade de aprendizagem, constituem a base da sua caracterização psiconeurológica” (V. Fonseca, “*Insucesso Escolar*”).

Conclui-se, assim, que o conceito de dificuldade não inclui nem engloba qualquer perturbação ou deficiência de inteligência ou da personalidade, estando, à partida, plenamente assegurado todo o potencial de aprendizagem do indivíduo.

▪ A “incapacidade de aprendizagem” refere-se já a uma situação diferente, pois exprime uma desorganização funcional de actividades psiconeurológicas (perturbações, deficiências, etc.)

Assim, segundo V. Fonseca, “as incapacidades de aprendizagem compreendem perturbações que incidem sobre a recepção, a integração (compreensão) e a expressão de funções práticas e simbólicas que não estão ligadas nem a estados demenciais nem a lesões periféricas (input) ou propriamente a deficiências do aparelho periférico (output)”.

As incapacidades compreendem distúrbios provocados por lesões cerebrais mais ou menos graves dando origem a:

- agnosias tácteis (perturbações no reconhecimento das qualidades dos objectos, tais como densidade, peso, textura, forma, etc.);
- agnosias auditivas (perturbações no reconhecimento e na identificação de sons, música ou palavras – incompreensão da linguagem falada);
- afasias (compreendem perturbações que incidem na expressão e na compreensão da linguagem);
- apraxias (perturbações que se reflectem na psicomotricidade);
- acalculias (perturbações que se reflectem na capacidade de realização de cálculos elementares, dizendo especialmente respeito à integração e utilização de símbolos numéricos).

6. AS CAUSAS-CHAVE DAS DA

As crianças ou os jovens com DA apresentam, como vimos, discrepâncias entre a capacidade ou a habilidade mental e o desempenho, reflectidas em resultados escolares insatisfatórios.

As DA podem resultar de três processos:

- ♦ disfunção cerebral (herdada, congénita ou adquirida)
- ♦ interacção hereditariedade - meio
- ♦ disfunção social ou educacional

Existe uma variedade imensa de causas para as DA, as quais podem actuar isoladamente ou em conjunto. Destacamos as mais frequentes:

CAUSAS ORIGINAIS

- genes dos pais
- acontecimentos perinatais
- doenças
- acidentes (lesões cerebrais)

CAUSAS MATERIAIS

- disfunção neurológica e fisiológica
- distúrbios motivacionais e emocionais
- pobreza da linguagem e desenvolvimento

CAUSAS FORMAIS

- padrões de maturamento herdados ou adquiridos
- problemas familiares
- factores psicológicos:
 - a) saúde
 - b) nutrição
 - c) sono
 - etc.

ESCOLA

- educação
- professores
- qualidade de ensino
- ambiente da escola
- etc.

ENVOLVIMENTO

- oportunidades urbanas, suburbanas e rurais
- amigos
- interesses
- ambiente cultural
- etc.

Os factores que intervêm na promoção das DA podem ter origens próximas ou remotas e actuarem em conjunto. Destacam-se:

FACTORES EMOCIONAIS

- ansiedade
- falta de motivação
- distractibilidade
- medos
- fobias
- carências afectivas
- falta de estímulos
- etc.

FACTORES VISUO – ESPACIAIS

- problemas de análise selectiva
- perturbações de memória
- problemas de reversibilidade espacial
- constância da forma
- etc.

FACTORES AUDITIVOS

- problemas de memória auditiva
- intolerância a ruídos
- dificuldade de discriminação auditiva
- etc.

FACTORES MOTORES

- problemas de equilíbrio
- problemas de linguagem
- problemas de gesticulação
- problemas oculomotores
- hiperactividade
- lentidão
- etc.

FACTORES CONCEPTUAIS

- problemas de generalização
- problemas de indução
- problemas de dedução
- problemas de relatividade
- etc.

REPROGRAMANDO A COGNIÇÃO E OS COMPORTAMENTOS

I – EDUCAR AS EMOÇÕES PARA A APRENDIZAGEM BEM – SUCEDIDA

Insegurança, medos, apatias, inquietude, agressividade, dificuldades de concentração e de aprendizagem, bloqueios afectivos, perturbações de comportamento e desmotivação pelas actividades escolares são alguns dos rostos com que aparece, muitas vezes, mascarada a ansiedade nos jovens, a qual afecta 1² em cada 5 alunos, com idade compreendida entre os 6 e os 16 anos.

Também o stress, originado sobretudo pela sobrecarga de actividades, exigências e responsabilidades nas escolas, está a aumentar de forma preocupante, afectando actualmente cerca de 35% dos alunos dos 12 aos 18 anos.

Não menos importante é o aparecimento de sintomas de depressão, grave ou ligeira, em cerca de 1/3 dos adolescentes (nas jovens, essa incidência duplica com a chegada da puberdade).

O stress, ansiedade e as depressões, com todo o seu cortejo de perturbações afectivas, emocionais, comportamentais e fisiológicas, são hoje tidos como factores primários e determinantes da maior parte do insucesso escolar.

No caso concreto da ansiedade exógena (provocada por estímulos externos tais como os conflitos familiares, as tensões emocionais ou as

² Dados apresentados pelo Instituto da Inteligência (Bircham International University).

dificuldades de relação com a própria escola), pode assumir, com o passar do tempo, um papel decisivo no aparecimento de fobias, obsessões, problemas de saúde (asma, indisposições digestivas, palpitações de coração, sensação de sufocação, etc.) e comportamentos desviantes e de alto risco, tais como o consumo de drogas, o tabagismo, experiências sexuais precoces e a violência.

No plano estritamente escolar, a ansiedade não tratada empurra directamente as suas vítimas para o desinteresse, a desmotivação, o medo e a rejeição de aprendizagem.

Os jovens que sofrem de ansiedade aguda ou crónica (esta pode, entretanto, assumir vários níveis de acordo com o seu grau de gravidade) tendem a revelar-se hiperemotivos, instáveis, tensos, irritáveis, distraídos, apáticos e, por vezes, agressivos e violentos. Os ansiosos profundos, devido às perturbações psicofisiológicas que os afectam, podem passar por alunos débeis e incapazes, pelo facto de apresentarem baixo rendimento escolar.

As causas directas da ansiedade podem ser várias e conjugarem-se entre si: desde uma personalidade já de si propensa à ansiedade patológica até às pressões da escola e dos pais, passando por outros conflitos e problemas de diversa natureza (ambiente familiar emocionalmente instável, permissividade excessiva dos pais, dificuldades de relação entre irmãos, medo de errar ou de fracassar, fadiga psíquica, etc.), tudo pode concorrer para o despoletar de situações que, mais cedo ou mais tarde, poderão ficar incontroláveis, como por exemplo, a toxicod dependência ou o aparecimento de tendências suicidas.

Sucede que cerca de 15 a 20% das crianças são, à nascença, comportamentalmente inibidas, transportando para a escola condutas reveladoras de timidez e medo. A sua integração na vida académica é, assim, mais difícil do que a maioria dos alunos.

Na verdade, apenas 25% dos jovens se apresentam emocionalmente competentes e, por isso mesmo, permeáveis a crises, episódios ou estados de ansiedade ou de stress. Perante esta situação, conclui-se que a responsabilidade, quer dos pais, quer da escola, no desenvolvimento harmonioso dos sentimentos e das emoções dos jovens, é enorme. Isto é particularmente relevante nas crianças até aos 5 ou 6 anos de idade, dado que é nesta fase da sua vida que se definem e alicerçam para sempre a sua personalidade, o carácter e as tendências. Também no início da adolescência – um período de grandes transformações fisiológicas e psicológicas – torna-se urgente prevenir o desenvolvimento de patologias adversas relacionadas com a vida afectiva.

• Acções a empreender para aumentar a auto-estima e a confiança

1. INCENTIVAR A EMPATIA E O AFECTO

Embora a linguagem e a lógica da parte do cérebro responsável pelo raciocínio sejam importantes para ensinar valores às crianças, não moldam o comportamento delas como as emoções e os sentimentos.

2. HONESTIDADE E INTEGRIDADE

A honestidade e a ética podem ser assunto de permanentes conversas desde tenra idade, escolhendo livros e vídeos para compartilhar com os jovens, utilizando jogos que desenvolvam a confiança.

3. VERGONHA E CULPA

A vergonha e a culpa não são vilãs emocionais. Quando utilizadas de forma apropriada, são recursos importantes para os pais e professores ensinarem valores morais às crianças e aos jovens.

4. PENSAMENTO REALISTA

Isto é o oposto da auto-ilusão. Livros ou histórias contadas pelos pais e professores podem modelar este tipo de pensamento. As crianças e os jovens aprenderão a pensar de forma realista sobre os seus problemas ou preocupações, se os pais e os professores fizerem o mesmo. A verdade, mesmo dolorosa, não deve ser escondida.

5. OPTIMISMO (fundamental para uma personalidade sadia)

O optimismo aprende-se com os pais. É mais do que um simples pensamento positivo. É um hábito de pensar positivamente, uma disposição ou tendência de olhar para o lado mais favorável dos acontecimentos ou condições e esperar pelo resultado mais favorável.

6. HUMOR (decisivo para uma personalidade sociável)

As crianças e jovens bem-humorados apresentam um quociente de inteligência emocional superior aos outros. O seu sucesso social é geralmente muito grande e fácil de obter.

O humor aprende-se a desenvolver desde muito cedo. A boa disposição e o clima reinante em casa ajudam a modelar um espírito bem-humorado. As brincadeiras divertidas favorecem os alicerces do humor.

7. AMIZADES

Devem ser incentivadas pelos pais e pela escola. Participar em festas e em grupos é um bom meio de fortalecer a inteligência social.

8. BOAS MANEIRAS

Desde muito nova, a criança deve aprender a comportar-se bem mas sem constrangimentos. A melhor forma de educar boas maneiras é mostrar como se faz. As crianças aprendem por imitação.

9. PERSISTÊNCIA E ESFORÇO

Na adolescência, muitos jovens perdem interesse em lutar pelas coisas quando enfrentam a realidade das coisas. Já nem tudo é fácil como antes, durante a infância. Assim, é necessário ensinar as crianças a perceber o que é a perseverança e a persistência. As biografias de gente de sucesso são um bom meio. É também muito importante ajudá-los a administrar o tempo.

10. ENFRENTAR E SUPERAR FRACASSOS

Na adolescência, os jovens são particularmente vulneráveis aos problemas ligados à motivação. É útil ensinar-lhes que as ameaças e os problemas de vida são desafios a serem estudados e vencidos. Deve-se ensiná-los a saber tirar partido das suas habilidades e pontos fortes.

11. CONSCIÊNCIA EMOCIONAL

Incentivar as crianças a verbalizarem os seus sentimentos como modo de lidarem com conflitos e preocupações. Ajudá-las a ouvirem e estudarem soluções para os problemas emocionais.

12. CONTROLE EMOCIONAL

Desde muito novas, as crianças devem aprender a gerir as suas emoções, conversando, dialogando, ouvindo, dando opiniões, pesquisando soluções para os seus problemas emocionais e sentimentais.

● **Caminhos para o desenvolvimento da energia criativa**

→ DESENVOLVER AS SEGUINTEs COMPETÊNCIAS COGNITIVAS:

PERCEPÇÃO

Capacidade de observação ampla e profunda.

INTUIÇÃO

Aumenta com a aquisição de conhecimentos.

IMAGINAÇÃO

Elabora e remodela os materiais que ingressam na psique através da percepção sensorial.

CAPACIDADE CRÍTICA

Para evitar o conformismo intelectual.

CURIOSIDADE INTELECTUAL

Abertura à experiência e ao conhecimento.

→ DESENVOLVER AS SEGUINTE ENERGIAS AFECTIVAS:

AUTO - ESTIMA

Ter ânimo para tentar e fracassar e voltar a tentar.

LIBERDADE CRIATIVA

Não aprisionar as ideias que surjam.

PAIXÃO

Energia vital que leva ao entusiasmo.

AUDÁCIA

Capacidade para enfrentar riscos.

PROFUNDIDADE

Capacidade reflexiva.

→ DESENVOLVER AS SEGUINTE CAPACIDADES VOLITIVAS:

TENACIDADE

Constância, esforço, disciplina, trabalho árduo.

TOLERÂNCIA À FRUSTRAÇÃO

Aprender a resistir à ambiguidade, à imprevisibilidade e aos desaires.

CAPACIDADE DE DECISÃO

Aprender a actuar no momento oportuno.

.

• Melhorar o desempenho do raciocínio

→ TIPOS DE RACIOCÍNIO:

FACTUAL

Refere-se a factos, números, informações, dados.

EMOCIONAL

Representa emoções, sentimentos, palpites, intuições.

ANALÍTICO

Envolve a avaliação, ponderação e precaução.

EXPLORATÓRIO

Faz exploração, sugestões, novas ideias.

PRÁTICO

Analisa vantagens, benefícios, poupanças, economias.

PRÁTICO

Analisa vantagens, benefícios, poupanças, economias.

PROSPECTIVO

Faz o controlo do processo do raciocínio e estabelece novos passos e procedimentos.

• Como organizar o pensamento para resolver problemas

1º RACIOCÍNIO FACTUAL

- que informação possuímos?
- que informações nos faltam?
- como obter a informação que falta?

2º RACIOCÍNIO EMOCIONAL

- o que é que sinto?
- o que é que me agrada?
- o que é que desejo?
- quais são as minhas expectativas?

3º RACIOCÍNIO ANALÍTICO

- é verdade?
- resulta?
- serve o fim em vista?
- perigos?
- problemas?
- pontos fracos?
- pontos fortes?

4º RACIOCÍNIO EXPLORATÓRIO

- explorar novas perspectivas
- observar o problema desde outro ângulo
- sugerir
- alternativas
- provocar (ex.: avançar com ideias experimentais)

5º RACIOCÍNIO PRÁTICO

- benefícios?
- vantagens?
- viabilidade?
- economias que daí resultam?
- melhorias?
- é possível concretizar?
- vale a pena?

6º RACIOCÍNIO PROSPECTIVO

- em que pontos estamos do raciocínio?
- em que nos estamos a concentrar?
- que devemos fazer a seguir (com o raciocínio)?
- agenda do raciocínio
- resumindo...
- observar e concentrar

• Sequência dos tipos de raciocínio para encontrar uma solução, uma ideia para um problema...

1

FACTUAL

Reunir toda a informação sobre o problema

2

EXPLORATÓRIO

Pesquisar, explorar, gerar alternativas

3

PRÁTICO

Avaliar benefícios e vantagens de cada alternativa

4

ANALÍTICO

Avaliar fraquezas e perigos de cada alternativa

5

EXPLORATÓRIO

Desenvolver as alternativas mais capazes

6

PROSPECTIVO

Resumir e avaliar o que já se alcançou

7

ANALÍTICO

Fazer um juízo final sobre a escolha feita

8

EMOCIONAL

Descobrir os sentimentos sobre o resultado final

- **Sequência de raciocínios a fazer para avaliar uma ideia ou uma sugestão para a resolução de um problema...**

EMOCIONAL

Descobrir os sentimentos provocados pela nova ideia

PRÁTICO

Avaliar os benefícios e vantagens da ideia

ANALÍTICO

Apontar as fraquezas, problemas e perigos da nova ideia

EXPLORATÓRIO

Para verificar se a ideia pode ser eventualmente modificada e aperfeiçoada fortalecendo os benefícios

FACTUAL

Ver se a informação disponível pode ajudar a modificar a ideia, a fim de a tornar mais aceitável, caso haja sentimentos contra

EXPLORATÓRIO

Desenvolvimento da sugestão final

ANALÍTICO

Julgamento da sugestão final

EMOCIONAL

Descobrir os sentimentos sobre o resultado final

• Sequência de raciocínios para pensar com rapidez e com sucesso

RÁPIDA AVALIAÇÃO DE UMA IDEIA

Raciocínio Prático + Raciocínio Analítico + Raciocínio Emocional

GERAR NOVAS IDEIAS

Raciocínio Factual + Raciocínio Exploratório

MELHORAR UMA IDEIA

Raciocínio Analítico + Raciocínio Exploratório

RESUMIR E APONTAR ALTERNATIVAS

Raciocínio Prospectivo + Raciocínio Exploratório

II – MEMÓRIA

“A maneira como uma pessoa reage aos estímulos (visuais, auditivos, etc.), revela a diferença entre uma memória bem organizada e treinada e uma memória que actua de maneira desordenada, e que, em consciência, se mostra ineficiente”.

JOHN S. RAMOS

Aquilo que hoje somos, aquilo que sabemos, resulta dessa prodigiosa capacidade do cérebro chamada memória.

A capacidade de memorização varia de pessoa para pessoa. Há indivíduos excepcionalmente bem dotados desta capacidade. Muitos outros queixam-se da sua dificuldade em reter factos, nomes números.

Acontece que, frequentemente, as pessoas que se queixam de “falta de memória” se debatem com uma incapacidade que é relativa, pois referem-se à dificuldade em decorar pequenos trechos, números de telefone ou datas de aniversário. Geralmente, em tais casos, a dificuldade provém do modo como elas aplicam os métodos destinados a como “decorar” isto ou aquilo.

Outras vezes, as pessoas andam “stressadas”, apressadas, e não conseguem concentrar-se com calma e eficácia, do que resulta uma “má memória”.

Temos diferentes tipos de memória, desde a chamada “**memória operativa**” ou “**memória a curto - prazo**” – que usamos a todo momento para fixar provisoriamente pequenos factos e informações (e que o cérebro não necessita de registar para sempre) – até à “**memória processual**” ou “**memória a longo - prazo**” (profunda) – através da qual o cérebro conserva os conhecimentos e as informações adquiridas.

Como várias outras capacidades do cérebro, a memória, embora não possa ser treinada, pode melhorar extraordinariamente através de uma utilização criteriosa de procedimentos prévios (condições de registo, elaboração, etc.).

III – AS OITO GRANDES JANELAS DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL

O desenvolvimento de qualquer ser – humano é um processo complexo e extenso. Nasce-se com uma base formidável de capacidades e potencialidades. Os factores genéticos e hereditários têm o seu peso. Mas serão as vivências e as aprendizagens recebidas segundo a

segundo que acabarão por fazer de cada um de nós o que somos hoje e o que seremos amanhã e depois de amanhã.

Aprender e aprender é, de facto, um processo interminável. Um processo que ditará a nossa personalidade, a nossa postura na vida e o nosso comportamento. Influenciamos e somos influenciados. Viver é, assim, um processo de troca, uma transacção permanente de ideias, experiências, informações e conhecimentos entre nós, os outros e o mundo que nos rodeia.

O nosso cérebro é o centro da nossa actividade mental consciente e inconsciente. É lá que estão reunidas e se processam as nossas escolhas, tomamos as nossas decisões e determinamos qual é o nosso papel na nossa vida, na dos outros e na sociedade. O cérebro é, ainda, encarregado de muitos mistérios e constitui, actualmente, um órgão bastante conhecido pela Ciência. Já se sabe minimamente como ele é constituído, qual a sua estrutura e como funciona. Ele é, sem dúvida, um centro poderoso de energia, não apenas electroquímica (com as suas células, as intrincadas redes de neurónios, as moléculas, os diversos centros de trabalho, etc.), mas também – e sobretudo – uma formidável central de energia espiritual, anímica, emocional, cultural e criativa.

A Ciência já pôde constatar que o nosso cérebro é um órgão cuja vitalidade depende muito especialmente da ginástica e do exercício a que for sujeito. A plasticidade das actividades mentais permite que ele possa ser de alguma maneira “musculado” – utilizando a feliz expressão de Walt Disney – e, assim, tirar partido das suas múltiplas e variadas potencialidades.

Numa sociedade competitiva como a nossa, a inteligência, a criatividade e o conhecimento tornaram-se nos factores – chave do desenvolvimento das pessoas, das organizações e da civilização. Quem souber tirar partido das capacidades, faculdades e talentos residentes no cérebro estará, obviamente, mais apto a ter sucesso, tanto na vida pessoal e social, como na esfera das actividades profissionais.

Reaprender a pensar, treinar métodos científicos de raciocínio e reflexão, exercitar o potencial inventivo, treinar técnicas avançadas de criatividade, conhecer técnicas de concentração e memorização, exercitar e desenvolver a percepção, são algumas das várias actividades de “musculação cerebral” a que nos podemos dedicar. Esta “musculação” pode ser conseguida tanto com exercícios mentais cientificamente aprovados como com o auxílio, em algumas disciplinas, das chamadas “brain machines” – mini-computadores de estimulação cerebral de fácil utilização e sem contra – indicações (salvo para pessoas com problemas neurológicos sérios).

• Características específicas das Inteligências Múltiplas

→ INTELIGÊNCIA SOCIAL (INTERPESSOAL)

Capacidade para as relações interpessoais e sociais. Envolve competências elevadas como a simpatia, a tolerância e a capacidade de persuasão. A principal faculdade diz respeito à habilidade para compreender os outros: o que os motiva o que sentem e como lidam com eles. No dia-a-dia, esta inteligência revela-se no modo fácil como certas pessoas lidam com os seus semelhantes sem quaisquer bloqueios ou complexos de ordem cultural, social, racial, ética ou religiosa. Esta inteligência pode, também, revelar-se na capacidade para a Liderança.

→ INTELIGÊNCIA INTRA – PESSOAL (OU EMOCIONAL)

Capacidade de auto – conhecimento, quem a possui em elevado nível reconhece facilmente as forças e fraquezas, desejos e medos e pode adaptar a sua maneira de agir com base nesse conhecimento. A Inteligência Emocional revela-se na auto – disciplina, na capacidade de perseverança apesar das frustrações, e na auto – confiança. Trata-se de uma inteligência “quase invisível”: na verdade, consiste em nos conhecermos cada vez melhor e em utilizar produtivamente esse conhecimento.

→ INTELIGÊNCIA LÓGICO – ANALÍTICA (OU LÓGICO - MATEMÁTICA)

Capacidade de lógico – quantitativa que permite ordenar factos, objectos quantidades. Exige poderes intelectuais de dedução e observação. É muitas vezes rotulada de “pensamento científico”. Os indivíduos nos quais predomina esta inteligência apresentam um excepcional desempenho nas ciências exactas, com resultados notáveis ao nível da execução de operações e na habilidade para tarefas científicas.

→ INTELIGÊNCIA LINGUÍSTICA

Capacidade para adquirir, compreender, expressar e dominar linguagens, pondo em jogo a mestria fonética e da fonologia (sons e pronúncia), da semântica (o sentido e significado das palavras), da sintaxe (relação das palavras nas frases) e da pragmática (o sentido do discurso integrado no Eu-Aqui-Agora). Capacidade para comunicar verbalmente.

→ INTELIGÊNCIA MUSICAL

Capacidade para perceber, combinar e compor sons não-verbais em sequências harmoniosas, melódicas e hedônicas. Capacidade que envolve aptidão para criar música.

→ INTELIGÊNCIA NATURALISTA

Capacidade para perceber a Natureza de maneira integral e sentir processos de acentuada empatia com os animais e as plantas, afinidade esta que pode estender-se a um sentimento ecológico, uma percepção de ecossistema e “habitat”.

→ INTELIGÊNCIA ESPACIAL

Capacidade para relacionar o espaço próprio com o espaço envolvente, gerindo distâncias e pontos de referência, bem como perceber visuo-espacialmente objectos e combinar situações semelhantes. Envolve a aptidão para perceber relações espaço-visuais (formas, volumes, dimensões, distâncias, movimentos, etc.) e um sentido apurado de orientação.

→ INTELIGÊNCIA CORPORAL - CINESTÉSICA

Capacidade para utilizar e controlar o corpo e a motricidade em tarefas motoras complexas e em situações novas ou manipular objectos de forma criativa e diferenciada para resolver problemas. Trata-se de uma capacidade que se pode traduzir como uma forma de “raciocinar com o corpo”, permitindo desempenhos de alto nível em disciplinas e actividades como a dança, o desporto, o teatro, etc.

● **Sistemas de estruturação**

► Como pensam as pessoas “visuais”: são capazes de pensar em várias coisas ao mesmo tempo e a sua velocidade de raciocínio é grande. Pensam em imagens que representam ideias. Os seus raciocínios parecem não terminar porque novas imagens aparecem constantemente a substituir as anteriores.

► Como pensam as pessoas “auditivas”: concentram-se numa ideia de cada vez. O pensamento é linear: uma ideia segue-se a outra. Assim, interpretam bem textos de instruções, expressam-se oralmente com facilidade e, na escrita, procuram palavras exactas para o que querem dizer. Embora pareçam raciocinar mais devagar que os “visuais”, os seus raciocínios podem ser mais completos.

► Como pensam as pessoas “cinestésicas”: verificam as informações vindas do exterior através das suas sensações e emoções. Sentimentos, emoções e intuições podem confundi-los. No seu processo de pensamento, utilizam imagens e pensamentos abstractos e, de vez em quando, podem permanecer abstraídos num tema. Têm impulsos de intuição que lhes permitem chegar a conclusões sem terem realizado uma análise lógica.

IV – QUADRALIDADE CEREBRAL DE HERRMANN – TRAÇOS DA PERSONALIDADE DE EYSENCK

HEMISFÉRIO ESQUERDO	HEMISFÉRIO DIREITO
<i>ANALÍTICO RACIONAL</i>	<i>INTUITIVO CONCEPTUAL</i>
<p>CARACTERÍSTICAS: Lógico, formal, analítico, racional, sequencial, factual.</p> <p>ESTILO DE APRENDIZAGEM: Gosta de estudar casos, ler livros de apoio, investigar, basear-se em dados/factos, tirar conclusões precisas e avaliar criticamente matérias.</p> <p>DIFICULDADES: Quando a matéria é vaga e os conteúdos muito teóricos, quando há falta de “provas” concretas, mau uso do tempo e rotina.</p> <p>NECESSIDADE: de auto-realização material.</p> <p>VALORES: técnico-científicos.</p> <p>TRAÇOS DOMINANTES DA PERSONALIDADE: Taciturno, ansioso, rigoroso, sóbrio, pessimista, reservado, insociável e discreto.</p>	<p>CARACTERÍSTICAS: Conceptual, informal, intuitivo, perceptivo, mente aberta, especulativo.</p> <p>ESTILO DE APRENDIZAGEM: Gosta de usar a imaginação, de climas informais, materiais visuais e experiências, discussões espontâneas, fazer descobertas e investigar.</p> <p>DIFICULDADES: Repetição das coisas, rotina, ensino só através de textos, números em demasia, falta de espaço para ideias e ritmos muito lentos.</p> <p>NECESSIDADE: de auto-realização espiritual.</p> <p>VALORES: estéticos.</p> <p>TRAÇOS DOMINANTES DA PERSONALIDADE: Desconfiado, agitado, agressivo, excitável, instável, impulsivo, optimista e activo.</p>
<i>ORGANIZADOR PLANIFICADOR</i>	<i>RELACIONAL EMOCIONAL</i>
<p>CARACTERÍSTICAS: Confiável, organizado, planificador, esmerado, pragmático, realista.</p> <p>ESTILO DE APRENDIZAGEM: Gosta de estudar disciplinadamente, de orientações claras, ler textos, métodos tradicionais de ensino e aprender passo a passo.</p> <p>DIFICULDADES: Ritmos rápidos de mais, não ter tempo para praticar, acontecimentos imprevistos, falta de clareza das coisas e falta de sequência nos assuntos.</p> <p>NECESSIDADE: de poder.</p> <p>VALORES: operacionais.</p> <p>TRAÇOS DOMINANTES DA PERSONALIDADE: Inactivo, cuidadoso, amável, tranquilo, equilibrado, de confiança, bom temperamento, calmo.</p>	<p>CARACTERÍSTICAS: Observador, emotivo, expressivo, sensível, impetuoso, sonhador.</p> <p>ESTILO DE APRENDIZAGEM: Gosta de ouvir e partilhar ideias, confiar na intuição, de envolvimento emocional, estudar a partir de histórias e estudar/aprender em grupo.</p> <p>DIFICULDADES: Falta de participação dos outros, ensino impessoal e rígido, falta de envolvimento emocional, ausência de reconhecimento e interações sem entusiasmo.</p> <p>NECESSIDADE: de status.</p> <p>VALORES: humanos.</p> <p>TRAÇOS DOMINANTES DA PERSONALIDADE: Sociável, exterior, loquaz, responsável, despreocupado, alegre, independente e líder.</p>